

Editorial

A formação do analista ocupa um lugar singular nos debates sobre o assunto desde muito tempo. Lacan, em 1973, no Congresso da Escola Freudiana de Paris, expõe isso de forma contundente: não há formação analítica! O que há são formações do inconsciente! Tal formulação nos instiga, ainda hoje, a perguntar: então, o que há? E as tentativas de responder a essa pergunta também permanecem. Entretanto, podemos dizer que, pautados na experiência advinda da formação, há trilhas a seguir, e essas abrigam desassossegos, percursos de análise, passe, cartel, transmissão. E há Escola, no caso, a Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, um lugar que nos enlaça nessa tarefa.

O número 52 da revista *Stylus* versa sobre as tessituras disso. Escolhemos como título “A formação do analista: urgência de nossa época”, tema advindo do XXV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), realizado em outubro de 2025, em Maceió (AL). Acompanhamos, durante a leitura deste número, um percurso: os autores e as autoras interrogam a formação do analista, suas especificidades e os desafios que se apresentam na contemporaneidade. Cada um, a partir de sua própria elaboração, constrói argumentos, explicita seus pontos de ancoragem teórica e clínica e, de certo modo, deixa entrever sua trajetória e experiência no campo da psicanálise, bordeando impasses e sustentando questões.

Esta edição está organizada em duas seções: *Trabalho Crítico com os Conceitos e Espaço Escola*. No começo da primeira seção, temos Isabela Cristina Batista Ledo Carapeto, que problematiza a formação do analista na atualidade diante dos processos de algoritmização do saber e de tecnificação da experiência. Como contraponto, a autora propõe uma aproximação ao “ritmo aguçoso da poética repentista”, concebido como uma via singular de invenção para cada sujeito que se interessa pela formação analítica. Na sequência, Marisa de Costa Martinez, ao interrogar o mal-estar como condição intrínseca à formação do analista, discorre sobre a Escola e a inquietude inerente ao pertencimento a ela. Tendo uma fábula como fio condutor, Lígia Burton Ferreira escreve de maneira inventiva sobre os tempos, os tropeços e os fracassos inevitáveis que compõem o percurso formativo de um analista. Calebe Pinheiro, por sua vez, toma como referência um romance italiano publicado em 1904 para articular conceitos como inconsciente, repetição e contingência à formação do analista e à ética que a sustenta. Dando continuidade à seção, Roberta Augusta Borges Calixto Paravidini compartilha sua experiência e as tentativas de responder a questões que lhe suscitaram incômodo e estranhamento sobre o que faz um psicanalista, e seu texto evidencia uma aposta

na formação sustentada pelo rigor teórico e clínico. Raquel Ferreira Vargas retoma temas como o tempo, a falta e o silêncio, localizando-os como elementos fundamentais na direção do tratamento e na formação do analista, destacando uma prática que prescinde tanto da urgência quanto das soluções prontas. Peter Augusto da Silva aborda a supervisão a partir do insabido, dos efeitos da transferência e dos instantes lógicos — ver, compreender e concluir —, articulando-os aos elementos textuais do pré-texto, texto e pós-texto. Com isso, sustenta que “(...) a supervisão se configura como um dos lugares em que se põe à prova o desejo do analista”, oferecendo uma perspectiva instigante para pensar a formação e um de seus pilares. Atento aos modos contemporâneos de transmissão da psicanálise e à proliferação de cursos de formação, Guilherme Henderson propõe o neologismo “dovinizção”, termo que designa um processo de higienização teórica incompatível, em diversos aspectos, com aquilo que Lacan formulou sobre seu ensino e o caráter subversivo que nele se encontra. Encerrando essa seção, Paula Calado tece uma reflexão a partir de um filme no qual os personagens são entrelaçados a escritores da vida real, misturando nomes e obras. A autora, então, constrói sua argumentação conectando luto, formação do analista e arte de existir.

A segunda seção reúne dois testemunhos de passe, os de Ana Maeso Maeso e Isabela Cristina Batista Ledo Carapeto. Em seus relatos, as autoras abordam seus percursos singulares, a transmissibilidade da psicanálise, os equívocos, os sonhos, os poemas, a solidão, os vexames, as viagens, os bordados, as equivocidades, as deambulações e os sanharós, apontando para o fato de que a vida, afinal, “é sempre por um triz”. Os textos que encerram a edição se voltam para a Escola, o cartel e o passe, articulando-os ao discurso analítico, ao pedido de entrada na Escola e ao ato psicanalítico. Em um constante movimento de ir e vir entre conceitos e elaborações, Silvana Pessoa, Maria Claudia Formigoni e Pollyana Almeida evidenciam o caráter inacabado da formação analítica, essa “formação interminável”, que marca aqueles que exercem a psicanálise.

Desejamos a todos boa leitura!

Fortaleza, junho de 2026

Ercilia Maria Soares Souza

Pela equipe de publicação de *Stylus* (2025-2026)